
AS CRISES OU O IMBRÓGLIO DO LÍBANO
ALGUNS APONTAMENTOS

Fernando F. Valença

AS CRISES OU O IMBRÓGLIO DO LÍBANO

ALGUNS APONTAMENTOS (*)

I

CONSIDERAÇÃO PRELIMINAR

1. O Líbano está sujeito, gravemente, à interacção de FACTORES CRÍTICOS E POLEMÓGENOS, INTERNOS E EXTERNOS.

Estes respeitam essencialmente:

- A conjuntura político-estratégica do Médio Oriente, com particular relevância no concernente ao Estado de Israel;
- Ao processo de afirmação e evolução agitada e confusa do Mundo Árabe, com as suas contradições, simultaneamente nacionalistas e integrativas; com as assimetrias chocantes de riqueza e de poderes, funcionais e erráticos; com as suas diferenciações quanto a radicalismos ideológicos e fundamentalistas religiosos, quanto a alinhamentos na política mundial;
- Ao confronto ideológico e estratégico das superpotências e seus blocos.

A instabilidade endémica na área e a extrema complicação das situações não garantem a permanência futura dos dados e conclusões registados na presente análise.

(*) — Apontamentos elaborados, como contributo, para informação de Trabalho de Grupo do Curso de Defesa Nacional de 1985.

II

CARACTERIZAÇÃO GENÉRICA DA ACTUAL SITUAÇÃO INTERNA DO LÍBANO

A) Algumas notas históricas até à independência

1. Está bem marcado o facto de o respectivo território ter sido lugar de passagem, de encontro e de confronto de muitos povos e culturas. Foi sujeito à conquista e domínio sucessivo de Hititas, Aramaicos, Assírios, Babilónicos, Persas, Gregos, Egípcios, Romanos, Cruzados, Turcos, Romanos, Ingleses, Franceses, etc.

Em tempos remotos e até à conquista de Alexandre, o Grande, constituíram-se nesse território sociedades e povos (egeus-cretenses-asiáticos), entre os quais os fenícios que atingiram elevados graus de poder e de desenvolvimento material, comercial e marítimo.

Basta recordar as suas cidades de Biblos, hoje Gebel, Sídon e Tiro.

Foram eles os fundadores de Cartago e de outras cidades e colónias de povoamento no mundo antigo. Influíram, como se sabe, nos povos então habitantes da Península Ibérica e, designadamente, do nosso território. Deram apreciáveis contribuições culturais e, particularmente, atribuíram-lhes a invenção do princípio básico da escrita alfabética de todos os tipos.

2. Da história atribulada dos povos do território em causa sublinhamos as seguintes passagens, mais pertinentes para a análise em curso:

— 1516 — O território e povos passaram a fazer parte do Império Otomano, embora com alguma autonomia.

— 1841 — Ocorrem grandes massacres de cristãos maronitas, por parte dos drusos muçulmanos. Pretexto para intervenção das potências europeias no sentido de o sultão otomano acordar com a instituição de um governo pró-cristão para a Província do Monte-Líbano.

— 1918 — Forças anglo-francesas ocupam a região, depois do colapso do Império Otomano com o termo da Primeira Guerra Mundial.

— 1920 — O Líbano e a Síria tornam-se mandatos franceses (e a Palestina mandato inglês) por deliberação da Sociedade das Nações.

— 1941 — É declarada a independência do Líbano pelo Governo da França Livre, mas a sua concretização real, juntamente com a da

Síria, só tem lugar, de facto, em 1945. A Síria, porém, nunca reconheceu a independência do Líbano.

B) Alguns dados sobre realidades internas do Líbano

1. GEOGRAFIA FÍSICA

- Área — 10,5 km², (1/8 da de Portugal), constituindo estreita faixa marítima de 50×200km, respectivamente, de largura e comprimento médios.
- Fronteiras apenas com a Síria e Israel.

2. POPULAÇÃO

- Compreende 2,8 milhões de habitantes, bastante diferenciados étnica e culturalmente.
Corresponde-lhe grande densidade de população.
- A língua oficial é o árabe, com boa difusão do francês nas elites e persistente influência nestas da respectiva cultura.
- Religiões: até há pouco tempo cerca de 50 por cento dos libaneses afirmavam-se cristãos (30 por cento maronitas, o resto ortodoxos e católicos gregos, arménios, católicos romanos, etc); 45 por cento muçulmanos (20 por cento sunitas, 18 por cento xiitas e 6 por cento de diversas denominações); o resto era repartido por outros agrupamentos religiosos e seitas.
- Os refugiados atingiram cerca de 600 000. A maioria é muçulmana, o que aumentou as respectivas percentagens anteriores.

3. ESTRUTURA SOCIAL E POLÍTICA

- Baseia-se essencialmente em comunidades de tradição e cultura religiosas diferenciadas, a que correspondem posições políticas, económicas e sociais diferentes e com potentes assimetrias, sobretudo entre algumas daquelas.

— *A Constituição e a lei eleitoral* reflectem estas diferenciações, não estando estipulado algo quanto a partidos de base ideológica. Todavia o Presidente da República tem sido convencionadamente um cristão maronita; o Primeiro-Ministro um sunita; o Presidente da Câmara de Deputados um xiita.

Em 1968, 99 deputados foram eleitos com a seguinte distribuição: 30 cristãos maronitas, 20 muçulmanos sunitas, 19 xiitas, 11 cristãos ortodoxos gregos, 6 católicos ou gregos, 6 drusos, 4 ortodoxos arménios, 1 uniata arménio e 2 de outras seitas.

— A partir de 1966 formaram-se partidos, ou antes, movimentos, nos arranjos das ditas comunidades, reflectindo, essencialmente, forças de acção para fins de segurança própria e de apoios exteriores, políticos e militares e de mais natureza.

— Essas circunstâncias originaram fraqueza congénita do Estado, deixando este de ter o monopólio da força organizada e, assim, ficando passível de divisões e de tensões permanentes, com o recurso apenas a equilíbrios frágeis e à selecção de apoios externos geradores, por si só, de maiores tensões.

4. *ECONOMIA*

Apesar de não se tratar de território rico em matérias-primas e mesmo agricolamente, gozou o Líbano de período de invejável situação económica mercê da sua posição geográfica, de vantagens turísticas e de facilidades a operações financeiras, constituindo-se como que o banqueiro do Médio Oriente.

Essa prosperidade resultou, também em boa parte, da enorme riqueza dos países petrolíferos da área, riqueza supervalorizada nas últimas décadas. Assim, além do mais, o Líbano beneficiou da montagem e exploração de oleodutos e refinarias, respectivamente em Tripoli — Iraque Petroleum Company — e em Sídon — Trans-Arabian Pipeline Company.

Igualmente a anterior emigração, à volta dos dois milhões, contribuiu e ainda contribui para o desafogo do Líbano, não só com o envio de divisas, como também fomentando investimentos.

Mas com a prosperidade surgiram facilidades de «dolce vita», corrupção e actividades do submundo do prazer, dos vícios e do ilícito: tráficos de droga, de prostituição, variados contrabandos, etc.

5. FORÇAS ARMADAS

Sempre sofreram o reflexo das estruturas sociopolíticas do País. Ou seja, das diferenças de etnias antagónicas; dos quadros serem predominantemente cristãos.

A sua preparação profissional tem sido fraca. Como fraca é a vinculação a um ideal verdadeiro e fortemente nacional.

Em 1981 dispunham de efectivos da ordem dos 22 000 homens, com 250 na Marinha e 1250 na Força Aérea. Hoje, em reconstituição, não foi fácil colher números de confiança a seu respeito.

C) Síntese dos principais eventos, a partir da independência

— 1984 — Grande êxodo de palestinianos, em boa parte para o Líbano, que, como já se apontou, recebeu 600 000 refugiados. A difícil circunstância começou após a independência de Israel e no seguimento da primeira guerra entre este país e os vizinhos árabes, de que resultou a confirmação da sua autonomia e a concretização de suficientes condições de SEGURANÇA.

O fenómeno dos refugiados teve grande acuidade na já instável situação interna do Líbano. A sua assimilação ou integração tem-se mostrado sempre precária. Além do mais, por terem passado a receber apoios materiais e também de ordem política que favorecem a existência da OLP e alimentam as esperanças de constituição de uma Pátria Palestina. Aliás, ideia e objectivo formulados com declarações de responsáveis quando da criação do Estado de Israel (Declaração de Balfour, 1917, etc.). Desse modo, as organizações activas dos palestinianos passaram a receber fortes apoios em material, equipamento, financeiros, etc., das respectivas alianças externas (claras ou discretas), que lhes têm permitido sobreviver e prosseguir nos seus objectivos, inclusive de acção armada e terrorista.

- 1958 — Guerra civil entre facções internas do Líbano, com inextricáveis intervenções de palestinianos e de forças e poderes estranhos, v.g.: intervenções de fuzileiros dos EU, a pedido do Governo em exercício daquele martirizado país.

Com a retirada, passado algum tempo, das forças americanas, deu-se início mais patente à procura de soluções para os refugiados palestinianos, problema intimamente ligado ao do Estado de Israel. Soluções procuradas através da ONU, de coligações diplomáticas, de iniciativas unilaterais de alguns países, têm todas fracassado e, por vezes, excitado os conflitos, contribuindo para complicar o imbróglio. Para tudo isto, entretanto, também contribuiu um evento de grande importância: o fracasso anglo-franco-israelita da acção militar na área do Suez, após a nacionalização do Canal pelo Egipto, e a declaração de bloqueio dos portos de acesso ao mar Vermelho aos israelitas.

- 1968 — Exacerbam-se as acções terroristas, baseadas no Líbano e levadas a efeito pela OLP, bem como por outros grupos radicais anti-israelitas contra as pessoas e interesses judeus em diversas partes do mundo (lembrança do massacre de Munique) e, é claro, contra e no território de Israel.

O panorama conflitual, de que o Líbano passou a ser também arena e autor, agrava-se ainda com a Guerra dos Seis Dias, a qual humilhou, profundamente, os países arábes e aumentou o apoio aos palestinianos, intensificando as divisões, os conflitos e a instabilidade no Líbano.

Daí também o aumento de hostilidade aos EU e países ocidentais, favorecendo directa e indirectamente as políticas e estratégias da URSS e dos países radicais de integralismo muçulmano.

- 1975-1976 — Tem lugar feroz guerra civil entre, por um lado as facções cristãs e das direitas, e, no oposto, as muçulmanas e esquerdistas, com intervenção aberta ou camuflada dos grupos armados de refugiados e, inclusive, com infiltrações de grupos de outros países limítrofes do Líbano e não só (líbios, iranianos, etc.).

A guerra civil deu pretexto à intervenção concertada de forças militares estrangeiras, entre as quais a Força de Dissuasão Árabe, pre-

ponderantemente Síria. Ocorre assim a fixação permanente de um poderoso exército de ocupação (particularmente no vale Bekaa), tendo atingido efectivos de 40 000 homens fortemente armados e sendo fonte inesgotável de aprovisionamento dos grupos armados de palestinos e das facções internas do Líbano que lhe são favoráveis. Entretanto, em 1972, Israel consegue rechazar o ataque, Egipto-Sírio e tomar a este país posições dominantes nos montes Golan. Todavia as graves perdas sofridas pelas forças armadas sírias, nomeadamente em equipamento, foram sempre rapidamente cobertas para URSS.

- 1978 — Têm início as convenções para o estabelecimento de bases para a paz entre Israel e o Egipto, concretizado pelo Acordo de Camp David e depois oficialmente consagrado em 1979.

A circunstância fez recrudescer os ataques a Israel, a partir do Sul do Líbano, e o reforço das dissensões entre as facções internas, reflectindo a hostilidade e indignação das nações árabes, entre as quais algumas inimigas abertas dos EU que mais exaltaram os seus ressentimentos contra esta nação. Com o desenvolvimento deste estado de coisas dá-se a intervenção militar de Israel no Sul do Líbano, como represália não só contra os palestinos e seus movimentos armados, como também os sírios.

As forças de ocupação acabam por retirar, mas fazem-se substituir por milícias libanesas, apoiadas por Israel: os falangistas e os extremistas da direita do major Hadad. Este proclamou a independência do Líbano do Sul Livre.

- 1980 — Os sírios cercam e massacram cristãos em grande escala, com o apoio das facções internas aliadas.

O mesmo fazem os drusos no Chouf.

Israel riposta com violentos bombardeamentos das áreas ocupadas pelos palestinos e pelos opositores aos cristãos e aos grupos direitistas.

Inicia-se a destruição sistemática de áreas urbanas da capital e de outras infra-estruturas do país, pela acção recíproca dos oponentes. O Governo e as organizações políticas do Estado libanês mostram-se impotentes.

Fracassam, sucessivamente, as variadas acções tendentes ao cessar fogo e ao estabelecimento da paz (fracasso da diplomacia de «passo a passo» de Kissinger).

- 1982 — Israel desencadeia a operação de grande envergadura «Paz em Galileia» face à intensificação dos ataques ao seu território com armas de médio e grande alcance, colocadas no Sul do Líbano (mísseis, artilharia pesada, etc.).

A forte acção israelita destrói apreciáveis quantidades de carros e aviões sírios e devasta várias cidades (Tiro, Sídon, Tripoli).

Cerca importantes núcleos armados da OLP e cataliza acções de represália e massacres praticados por falangistas e por facções direitistas.

A acção indicada leva à retirada do Líbano de grupos armados da OLP, que afinal alguns acabam, posteriormente, de regressar através da Síria e das suas forças de ocupação.

Por aqueles massacres Israel sofre acusações de muitos Estados e da opinião pública, perde prestígio internacional e cria discussões internas no país.

- 1983 — Intervenção das forças multinacionais na retirada dos grupos da OLP. Isso origina ataques graves a tais forças, particularmente francesas e americanas.

Daí a intensificação dos conflitos internos e das acções indiscriminadas entre várias forças militares, milícias e grupos de acção organizados pelos israelitas e pelos sírios; a devastação material, económica, política e social do Líbano.

A propósito, as seguintes afirmações de um escritor francês e redactor do serviço estrangeiro do jornal «Le Monde», respeitantes à situação do Líbano em 1983: «Cerca de 75 por cento do território está repartido entre os exércitos dos dois vizinhos: a Síria e Israel.

A zona Oeste da capital e a montanha de Chouf e áreas próximas são entregues à anarquia sangrenta das milícias muçulmanas, xiitas ou drusas, armadas por Damasco.

Na planície de Bekaa, a cidade cristão de Zahlé permanece no nono ano de cerco por forças hostis (palestinianos ontem, sírios hoje) e a

aglomeração islamo-cristã de Boalbek tornou-se, com a conivência de Damasco, uma espécie de «república islamita», cuja guarda pretoriana é constituída por iranianos xiitas, despachados por Teerão. Na costa setentrional, em Tripoli, os Sírios envolvem a parte da cidade onde reinava a ordem do xeque sunista, pró-palestiniano e anti-sírio.

A única área do território nacional isenta de ocupação estrangeira ou subversiva e onde as leis libanesas são ainda reconhecidas (em 1984) é a zona de menos de 1000 km², onde se concentram, progressivamente, desde a guerra civil de 1975, perto de 2/3 da população cristã e onde vivem, igualmente, algumas pequenas comunidades muçulmanas, principalmente xiitas.

Bekaa, sede do palácio presidencial, está situado como num «reduto» em que se pretende salvaguardar a aparência do poder do Estado. As bombas de fabricação soviética, fornecidas aos Sírios aos Drusos e os xiitas, vêm regularmente semear a morte entre a população civil do sector cristão.

A situação favorece, ou faz transparecer, nos objectivos da Síria e de outros Estados árabes, o «Anchuluss⁽²⁾» do Líbano, não aceitando que subsista, sobre a costa do Mediterrâneo, uma espécie de Mónaco ou de Hong-Kong; um espaço de liberdade, de prosperidade e de atracção, num conjunto regional de autocracia, de estatismo e de puritanismo.»

— 1984 — Retirada das principais forças multinacionais, fracassadas que foram a política e a diplomacia americana e ocidental. Reforço da posição síria, e das facções internas mais radicais, fundamentalistas ou esquerdistas.

Impasse e reconhecimento da necessidade de reconstruir o exército nacional libanês. Cansaço e desespero nos libaneses mais moderados, e mesmo em Israel, com o reconhecimento da sua opinião pública do envolvimento numa situação verdadeiramente trágica.

(2) — Analogia, conhecida com a ligação da Austria à Alemanha, consumada por Hitler em 1938.

D) Breve síntese das principais forças internas e seus objectivos

1. FORÇAS E OBJECTIVOS CRISTÃOS:

- Os Falangistas são a principal força dos cristãos maronitas, com cerca de 15 mil milicianos.
- Os objectivos cristãos identificam-se com a ordem política e a estrutura social que vingou após a independência. Ou seja, com o reforço do Estado, do exército, e com a expulsão de todas as forças estrangeiras.

2. FORÇAS E OBJECTIVOS MUÇULMANOS:

- No conjunto as milícias muçulmanas já ultrapassaram os cristãos em número e mesmo em moral, mas não em coerência.
Têm o apoio dos Estados Árabes, em especial dos radicais, e dão apoio aos grupos palestinos e outros que do estrangeiro se infiltram no Líbano.
- Agrupam-se do seguinte modo:
 - Xiitas, constituem a milícia AMAL, instalada no Sul de Beirute e no vale de Bekaa. Os xiitas têm o apoio do Irão em circunstâncias, todavia, complexas, decorrentes das peculiares relações conflituais entre o Iraque e o Irão.
 - Sunitas, constituem o Movimento Murabitoun.
 - Partido da Unidade Muçulmana, que é fundamentalista.
 - Milícias Drusas de Walid Junblatt, que integram o Partido Progressista Socialista, o qual lidera a Frente de Salvação Nacional com aliança às milícias Franjien.
- Os objectivos muçulmanos coincidem no repúdio da ordem socio-política que tem vigorado, mas divergem quanto às soluções e substituições, nomeadamente quanto a objectivos particulares (dos drusos e dos xiitas, por exemplo).

III

**OBJECTIVOS PROVÁVEIS DOS ESTADOS E DOS PODERES
ESTRANHOS AO LÍBANO**

A) Israel

Garantir a segurança, afastando as ameaças que se concentrem ou partam do Líbano.

Destruir ou afastar a OLP.

Reconstruir o Estado do Líbano sob a jurisdição de forças político-sociais favoráveis.

Saída de todas as forças militares estrangeiras no Líbano.

Integrar os refugiados palestinianos, quer na Jordânia quer com autonomia especial, nalguns dos territórios conquistados por Israel.

B) Síria

Recuperar territórios perdidos nas guerras com Israel.

Integrar o território do Líbano ou ter nele decisiva influência político-social e económica.

Garantir a segurança em relação à vulnerabilidade estratégica que pesa sobre Damasco, a pouca distância da fronteira do Líbano.

C) EUA

Garantir a segurança dos abastecimentos petrolíferos.

Impedir a dominação soviética e das forças ou potências que, directa ou indirectamente, a apoiem.

Apoiar a existência de Israel.

Manter a paz e a segurança na região, na base de apoio a governos moderados.

Restabelecer o Estado libanês e o seu exército.

Conseguir a saída a todas as forças militares estrangeiras.

D) URSS

Obter influência e, se possível, dominar, estratégica e ideologicamente, na área.

Procurar obter simpatias do mundo árabe, num prudente equilíbrio das contradições existentes nas respectivas ideologias, entre os dois campos em causa e entre a exaltação dos nacionalismos dos países árabes, *versus* os dos povos muçulmanos que estão integrados na URSS.

Enfraquecer o poder político, diplomático, económico, estratégico do Ocidente.

Manter a instabilidade no Líbano ou obter soluções favoráveis aos seus aliados e simpatizantes na área.

E) Países Árabes Moderados (Egipto, Arábia Saudita, Jordânia, etc.)

Favorecer solução justa para o problema palestino.

Favorecer a reconstrução e a estabilidade do Líbano.

Procurar salvaguardarem-se das ameaças aos seus regimes, as quais partem, em boa medida, dos movimentos fundamentalistas, integralistas e esquerdistas.

F) Potências Europeias Ocidentais

Favorecer a estabilidade no mundo árabe, dada a grande vulnerabilidade que decorre da dependência económica a que estão sujeitas. Evitou-se minorar a ameaça estratégica ao flanco Sul da Europa se o Norte de África e o Médio Oriente forem hostis e/ou aliados de agressão do Leste.

Favorecer a sobrevivência do Líbano e a sua estabilidade político-social.

Favorecer soluções positivas para o caso dos palestinianos.

IV

ALGUMAS CONCLUSÕES RELATIVAS AO QUADRO CONCEPTUAL SOBRE A SEGURANÇA E DEFESA

1. O caso do Líbano constitui EXEMPLO, flagrante e trágico, da possibilidade, nos nossos tempos (repetidos na História), de:
DESINTEGRAÇÃO de um Estado, assente em frágeis alicerces sociais,

culturais, políticos e de SEGURANÇA PRÓPRIA, em particular quando criado ao sabor de arranjos, de compromissos e de interesses de ocasião, sobretudo dos poderes dominantes, no mundo internacional.

FOCO DE INSTABILIDADE regional e geral, criado em área estrategicamente sensível para a paz e segurança mundial, onde se confrontam, directa ou indirectamente, poderes estranhos aos respectivos territórios, sociedade e Estados.

O caso do Líbano e as suas envolventes político-estratégicas e geoestratégicas marcam também a patente realidade da heterogeneidade dos respectivos sistemas de Estados e sociedades da área e que nela influem, pelo que a problemática geral da SEGURANÇA se coloca sob várias ópticas de interesses e de invocações de legitimidade, apresentando-se na sua forma verdadeiramente abrangente.

E traduz-se, ao fim e ao cabo, em exemplos flagrantes de posições, tanto essencialmente defensivas como ofensivas e neutralistas.

Sobressai o enfemismo da concepção escrita de defesa nacional, em termos de aplicação geral.

De facto o que sobressai é que no Médio Oriente todos os intervenientes visam ou dizem visar as respectivas SEGURANÇAS, todavia com características e tónicas diferentes.

Assim, por exemplo — ISRAEL, tendo como objectivos a sobrevivência e os do quadro restrito, defensivo ou dentro do significado mais coerente de Defesa Nacional. No entanto, a partir de dada altura, passou à ofensiva e concretizou expansões territoriais de domínio sobre povos; a SÍRIA, procurando, simultânea e principalmente, a destruição de Israel e a expansão para o Líbano; os EU, visando a protecção dos seus interesses (mas nem todos vitais, nem nacionais), actuando também no sentido da manutenção de influências vantajosas e projecção do seu poder; a URSS com objectivos de expansão e hegemonia política, ideológica e de projecção do poder, em disputa com os EU; o LÍBANO, o actor mais infeliz no imbróglio, procurando, a todo o custo, a sobrevivência, tanto contra agressões externas diversas, como desintegradoras internas, desenvolvidas com apoios do exterior, variados e opostos.

2. Em suma, o que tem ocorrido na área focalizada no Líbano *ilustrará algo sobre:*

- O subjectivismo e relativismo das percepções e qualificações das ameaças e agressões, no quadro da segurança e defesa nacionais, bem como as dificuldades e impotências de as julgar e, sobretudo, de as deter e sancionar, sob a égide do Direito e da autoridade de organismos regionais e da ONU, a nível mundial;
- As apertadas relações entre seguranças externas e internas;
- O eufemismo ou as contradições conceptuais, semânticas e éticas (por vezes assaz descaradas), contidas na designação e invocações da defesa nacional, relativamente às posições e acções de certos Estados e poderes;
- O alto interesse de — com as devidas fundamentação e idoneidade científica e humanística — se bem entender as realidades profundas (sociológicas, políticas, históricas estratégicas, etc.) das fenomenologia e problemática, gerais e particulares, daquilo que, abrangentemente, se considera ⁽³⁾ do âmbito da SEGURANÇA e DEFESA nacionais e afins. O que, francamente, transcende os campos dos conhecimentos sobre a guerra, na sua concepção ortodoxa ⁽⁴⁾; sobre as relações internacionais ou sobre o que Raymond Aron designou ⁽⁵⁾ por «conduta diplomática-estratégica»; sobre a estratégia propriamente dita, que, mesmo na concepção dita total ⁽⁶⁾, constitui apenas uma praxeologia, que tem de ter mais largos e sistémicos conhecimentos a montante.

Fernando F. Valença

Coronel

(*) — Generalizadamente a partir da Segunda Guerra Mundial de 1939-45.

(*) — E mais ao menos Clausewitziana.

(*) — In: «Paz e Guerra entre as Nações».

(*) — Particularmente bem analisada pelo General Beaufre in: «Introdução à Estratégia».